



**Cyberminas: práticas comunicativas, reconhecimento e presença do hip hop
feminino na esfera pública de visibilidade midiática¹**

Por

Célia Regina da Silva²

Universidade Metodista de São Paulo / UMESP

¹ Trabalho apresentado ao GP Comunicação Para a Cidadania, IX Encontro dos Grupos / Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² ²Doutoranda do PósCom / UMESP email: celregis@gmail.com e Bolsista do Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford



RESUMO: o objetivo deste artigo é analisar a produção de artefatos midiáticos enquanto instrumentos que alicerçam mudanças na vida social de jovens mulheres envolvidas com o movimento hip hop. Em contraposição ao modelo de negação cultural nos meios de comunicação corporativos, surgem na internet modelos diferenciados de produção audiovisual. Argumento que identidade e reconhecimento são atributos fundamentais na busca por visibilidade e no combate ao racismo midiático, com base nas reflexões de Charles Taylor, para Multiculturalismo.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; reconhecimento; mulheres negras; esfera pública de visibilidade midiática; racismo midiático.



I – Nós que Aqui Estamos

No momento em que desejo, estou pedindo para ser levado em consideração. Não estou meramente aqui-e-agora, selado na coisitude. Sou a favor de outro lugar e de outra coisa. Exijo que se leve em conta minha atividade negadora na medida em que persigo algo mais do que a vida, na medida em que de fato batalho pela criação de um mundo mais humano – que é um mundo de reconhecimentos recíprocos.

Eu deveria lembrar-me constantemente de que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção dentro da existência.

No mundo em que viajo, estou continuamente a criar-me. E é passando além da hipótese histórica, instrumental que iniciarei meu ciclo de liberdade³.

(FRANTZ FANON)

Os reconhecimentos recíprocos são primordiais para a criação de um mundo mais humano, aponta Fanon na epígrafe acima. Ou seja, o reconhecimento da humanidade na construção de um mundo mais humano. Esse atributo, elementar à existência humana, por motivos, na maior parte das vezes, políticos, não é concedido à totalidade dos indivíduos. Somos todos humanos, mas nem todos nós temos a humanidade reconhecida. Por sua vez, como na metáfora do espelho⁴, o reconhecimento é elementar na construção da identidade. Já essa é construída a partir da forma como a pessoa se vê, sua auto-identificação, suas experiências e ações, o conhecimento sobre si. Contudo, a identidade é formada também:

Pela existência ou inexistência de reconhecimento e, muitas vezes, pelo reconhecimento incorreto dos outros, podendo uma pessoa ou grupo de pessoas serem realmente prejudicadas, serem alvo de uma verdadeira distorção, se aqueles que o rodeiam reflectirem uma imagem limitativa, de inferioridade ou de desprezo por eles mesmos (TAYLOR, 1994, p.45).

O não – reconhecimento e a ausência compõem a forma de representação social recorrente sobre a juventude negra nos meios de comunicação brasileiros. Neste sentido, percebe-se uma injusta representação, gerando como consequência sentimentos de inferioridade cultural e identitário, além de disseminar sentimentos de não-

³ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Porto, Paisagem, pp216, 229, 231.

⁴ Refiro-me a fase do espelho, em que os bebês já nos seus primeiros anos de vida se encontram e se reconhecem na imagem refletida, o que seria o seu primeiro encontro com o eu individual, diz a psicanálise.



pertencimento cultural. Há, neste sentido, “uma dissonância cognitiva entre o que os jovens sentem e os valores e as mensagens que a sociedade e a família lhe transmitem” (CASTELLS, 1999, p.9).

Em contraposição a esse modelo de negação cultural negra nos meios de comunicação corporativos, vemos surgir na internet modelos diferenciados de produção audiovisual, realizados por diferentes grupos minoritários, entre esses, jovens mulheres negras do movimento hip hop. Essas produções colocam em evidência um tipo de deslocamento discursivo de atores e de conteúdos, funcionando como elo de resistência a um modelo hegemônico e ideológico, que costuma contemplar as elites.

www.hiphopmulher.com.br e www.mulheresnohiphop.com.br são os dois sites cuja existência motiva esse trabalho. O objetivo central é analisá-los enquanto instrumentos que alicerçam a busca por reconhecimento e transformação, na vida social de jovens mulheres envolvidas com o movimento hip hop.

Para Manuel Castells, “a criação e o desenvolvimento da Internet nas últimas três décadas do século XX foram conseqüência de uma fusão singular de estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural” (CASTELLS, 2000, p. 83). O cenário de formação e difusão da Internet e da Comunicação Mediada por Computador (CMC) moldando de forma definitiva a estrutura das comunicações humanas e cultura de seus usuários formou o berço propício para o surgimento de diferentes tipos de narrativas.

A parca presença da jovem mulher negra é observada mesmo em setores que estudam a juventude em geral. Ou seja, nos estudos sobre juventude a participação feminina não tem sido contemplada em relação às manifestações artísticas, culturais e políticas: “*É comum encontrarmos publicações sobre juventude como um todo, ou seja, que não fazem uma distinção entre jovens e adolescentes do sexo feminino e masculino*” (WELLER, 2006, p.112).

Temos como premissa a idéia de que essa dinâmica cultural⁵ envolvendo ritmo, melodia, poética e práticas comunicativas pode funcionar como um espaço de resistência e de referência e propiciar “*uma tomada de consciência*” (SARTRE, 1965, p.95), sobre os problemas sociais que afetam a juventude negra empobrecida.

⁵ Os jovens, através de atividades culturais e experimentos sociais, podem trazer para a agenda pública a questão dos sentimentos e contribuir para a mudança de mentalidade. Trata-se de compreender os efeitos políticos dessas formas de fazer política que não se caracterizam por um discurso político articulado como o das gerações passadas. (Novaes, 2000, p.54)



Neste debate, utilizamos as idéias de Charles Taylor para analisar as inter-relações entre identidade e reconhecimento. Postura teórica que tem sido utilizada por correntes políticas para examinar a necessidade e exigência de reconhecimento por movimentos minoritários, feministas, denominada como política do multiculturalismo (TAYLOR, 1994, p.45), nas quais nos apoiamos para pensar as conexões entre identidade e reconhecimento no combate ao racismo.

A análise sobre os sites está galgada em entrevistas feitas por e-mail, com as rappers Tiely Queen e Lunna, integrantes do movimento hip hop e responsáveis pela manutenção dos referidos sites. A escolha por esse objeto deve-se ao poder de mobilização das novas tecnologias e do hip hop junto à juventude das periferias urbanas do país. Essas práticas têm contribuído para a entrada desses jovens na esfera pública midiática alternativa. Lugar de ver e ser visto. Aparecimento e reconhecimento são duas possibilidades intrínsecas à esfera pública midiática. É este espaço que tem se configurado, na sua pluralidade, como espaço multifacetado de olhares e saberes.

II – Invisível, Te Vejo: a negação e a cegueira midiáticas

Para Muniz Sodré, a televisão está para a população negra assim como o espelho está para o vampiro: ela olha não se reconhece e não se vê. Para o país que tem a maior população negra fora da África, este dado reflete um imaginário social e uma estética centrados em referências européias⁶.

Por sua vez, temos no país, uma massiva presença audiovisual, em que a televisão tem um alto poder de penetração nos lares de diferentes classes sociais. Contudo, a diversidade cultural que é característica da população brasileira não é exercitada quando se trata das representações midiáticas tradicionais. Pelo contrário. A mídia vê e opera com os olhos dos grupos dominantes, se configurando em uma espécie de espelho refletido da e para (um pequeno grupo da sociedade brasileira), enquanto espaço de construção simbólica. Direcionada por esse olhar, temos uma mídia que insiste em não ver a população negra, cuja marca nos meios de comunicação é a invisibilidade ou a visibilidade excludente. Tratada de forma infantilizada, subestimada, não é vista na sua humanidade em completude. Esta operação de apagamento alimenta e ajuda a ramificar

⁶ No livro *A negação do Brasil*, Joel Zito Araújo apresenta a trajetória do negro na telenovela brasileira de 1963 a 1997, defende que há a negação de si mesmo, da diversidade racial brasileira, resultado da crença no mito da democracia racial, da ideologia do branqueamento e das referências euro- norte-americanas das elites.



o racismo que se manifesta no cotidiano social, visto e representado diariamente, como aponta Sodré: “*O racismo modela-se cresce à sombra do difusionismo culturalista euro americano e do entretenimento rebarbativo oferecido às massas pela televisão e por outros ramos industriais do espetáculo*” (1999, p.244). Como conseqüência, o racismo midiático pode induzir à baixa auto-estima, à negação de valores étnicos e culturais, já que não há o reconhecimento das histórias, das trajetórias, da contribuição social, cultural e econômica dos descendentes de africanos na história nacional⁷ mostrada nas telas e outros meios de comunicação.

Para o país que nega a existência de quase metade de sua população⁸, nascer mulher, negra e pobre é ser triplamente discriminada. As mulheres negras compõem a base da pirâmide econômica da sociedade, posição agravada pela consonância entre o sexismo, o racismo e hierarquização de classes, que impedem o acesso dessas mulheres às condições elementares para o exercício da cidadania e do usufruto de seus direitos sociais.

A recepção e produção midiática trazem à cena o trabalho elaborado por jovens mulheres negras oriundas de comunidades populares, envolvidas com o movimento hip hop que, por intermédio de mediações proporcionadas por aparatos tecnológicos, passam da condição de receptoras de mensagens a produtoras de conteúdos e de conhecimentos. Estes vão ser consumidos por outras (os) jovens que costumam encontrar nesse discurso ressonância para suas vozes e anseios.

III - Mulheres no Hip Hop

www.mulheresnohiphop.com.br

O site foi criado em março de 2004, inicialmente com o nome (www.mulheresguerreirasnohiphop.com.br) e ficou no ar até dezembro de 2007 com o apoio do Portal Rap Nacional. Durante o período de dezembro de 2007 até fevereiro de

⁷ Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2007, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Brasil possui cerca de 50,2 milhões de jovens, o que representa 26,4 % da população brasileira. As mulheres negras somam cerca de 25% da população

⁸ Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2007, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Brasil possui 49,4% de brancos, 7,4% de pretos, 42,3% de pardos e 0,8% de outras.



2008 o site ficou fora do ar, passou por um processo de repaginação onde ganhou novo layout e novas ferramentas, voltando ao ar em março de 2008 com novo nome.

Voltado para a divulgação da produção musical realizada por mulheres, tem se tornado uma referência na luta pelos direitos das mulheres dentro do hip hop. O objetivo principal, segundo a rapper Lunna *“é a defesa da participação das mulheres como militantes, grupos e não apenas como segunda voz ou outra voz que não seja a de ação direta.”* Hoje, o projeto está sendo ampliado e passou a apoiar outros projetos e eventos, tendo sempre como foco e prioridade, as mulheres.

“Não há justiça social sem justiça cognitiva” (SANTOS, 2009). Neste sentido, a prática de novas formas cognitivas requer a produção de novas subjetividades produzidas também por novos sujeitos sociais. Quer dizer, a busca de condições, de espaços, de produção para sujeitos anteriormente sem voz ativa. Dessa forma, a expansão da idéia de pertencimento deve ser estimulada não apenas do ponto vista da valorização da subjetividade, mas, sobretudo, por impulsionar a ação política. O entendimento sobre as similaridades entre identidade e reconhecimento requer a compreensão sobre o caráter dialógico da existência humana:

É aquilo que somos, de onde nós provimos. É o ambiente pelo qual nossos gostos, desejos, opiniões, aspirações fazem sentido. Se algumas das coisas a que eu dou mais valor estão ao meu alcance apenas por causa da pessoa que amo, então ela passa a fazer parte da minha identidade (TAYLOR, 1994, p.54).

Visando a diversidade de expressões, o site abre as portas para diferentes representantes do movimento hip hop escreverem sobre assuntos dedicados às referências identitárias negras e da denúncia contra as discriminações cotidianas, mas também como espaço de expressão artística, que forma que as potencialidades sejam afloradas, vivificadas:

Assim, o que de importante se consegue distinguir aqui é um potencial humano universal, uma capacidade comum a todos os seres humanos. Este potencial, mais do que qualquer outra coisa que se tenha entendido sobre o assunto, é que garante a cada pessoa o facto de merecer respeito (TAYLOR, 1992,p.62).

O site é constantemente atualizado com muitas notícias, releases, divulgação de eventos, entrevistas, matérias e letras de música. Para as jovens, essa dinâmica deu



visibilidade às mulheres do hip hop, abriu as portas para que sejam vistas, trazendo-as do anonimato para o mundo virtual.

Avtar Brah utiliza a idéia de diferença e sua importância para o entendimento sobre a construção da identidade. As interconexões entre racismo e as questões de gênero são fundamentais para a compreensão da situação feminina negra, tendo em vista que são construídos a partir das relações globais de poder. (BRAH, 1996, p.13).

São nas ações cotidianas que o racismo costuma manifestar seu lado mais perverso. Ao considerarmos o poder de penetração da televisão nos lares brasileiros, verificamos o quanto a discriminação racial presente nas instituições de poder se revela na tela, sendo altamente prejudicial, sobretudo para a mulher negra, que não encontra espaços de fala, de identificação. Por isso, outro ponto favorável nas ações veiculadas pelo site é a confiança que demonstram ter no espaço enquanto “lugar” de referência social. O que pode ser verificado com o aumento da participação nos eventos, nas listas, nas trocas.

De acordo com estudos desenvolvidos na área de culturas juvenis urbanas, as manifestações da cultura hip hop constituem-se por força da necessidade de sociabilidade, de comunicação, de afirmação identitária e de resistência cultural de jovens e adolescentes, predominantemente negros/as, das periferias urbanas. A prática de experiências galgadas na coletividade consubstancia a configuração das suas identidades, marcada pela busca de outras alternativas de pensar o mundo e de atuar dentro dele, evidenciando a resistência nos processos discriminatórios que dificultam a entrada destes jovens no mundo do trabalho e da educação, onde as opções de cultura e de lazer estão fora dos limites periféricos:

Expressão cultural da diáspora africana, o hip hop tem se esforçado para negociar a experiência da marginalização, da oportunidade brutalmente perdida e da opressão nos imperativos culturais da história, da identidade e das comunidades afro-americanas e caribenhas. É da tensão entre as fraturas culturais, produzidas pela opressão da era pós-industrial, e os compromissos com a expressividade da cultura negra que o hip hop foi levado a uma discussão crítica (ROSE, 1997, p.192).



O movimento hip hop tem contribuído para explicitar uma dinâmica sociocultural que funciona paralela ao exposto pela mídia. As mulheres negras encontram no estilo musical juvenil uma forma de expressão capaz de revelar as desigualdades sociais, raciais e de gênero por que passam, por um lado. E, por outro, a inserção no mundo da cultura reflete a “*capacidade organizativa nos jovens, e, interfere na construção da sua identidade. Fortalecimento da auto-estima, aproximação dos elementos da cultura africana ressignificada no Brasil*” (LINO, 2003, p.228).

IV- Hip Hop Mulher

www.hiphopmulher.com.br

“Todas as relações têm caráter lógico, enquanto eu em tudo ouço vozes e relações dialógicas entre elas”⁹

O site surgiu com o projeto *Mulheres do Hip Hop Cantam as Realidades*, em 2008, em que 14 grupos de mulheres do movimento hip hop, do estado de São Paulo, cantam músicas com temáticas relacionadas à suas vidas ou às realidades de outras mulheres como: violência, gravidez precoce, discriminação, preconceito, aborto, família, sexualidade. Em seguida, o site ganhou um blog e uma rede de relacionamentos, em 2009. Na proposta inicial, pensavam apenas em fazer um CD, o site foi construído com a verba que sobrou do projeto musical. Logo, tiveram a certeza que a atuação midiática traria visibilidade virtual para as mulheres no hip hop. A internet é usada como “uma grande arma”, pois agora conseguem mobilizar tanto mulheres moradoras do estado do Acre como do Rio Grande do Sul.

O site tem parceria com agências internacionais, com empresas privadas e grupos e coletivos do hip hop que tenham como princípio: a não discriminação, o respeito, o fortalecimento e a visibilidade do trabalho das mulheres no hip hop e fora dele. Pretendem melhorar a forma de organização, no movimento, em seus lares e, sobretudo, como produtoras de informação, formação e cultura. Entendem que os avanços alcançados foram impulsionados pelo domínio que têm sobre as novas tecnologias:

A passagem de um modelo de comunicativo baseado na separação identitária entre emissor e receptor e num fluxo comunicativo

⁹ BAKHTIN, 1982, p.392



bidirecional para um modelo de circulação das informações em rede – no qual todos os atores são, ao mesmo tempo, emissores e receptores e, portanto, tecnologicamente ativos– altera a prática e o significado do ato de comunicar. Este último torna-se o resultado da interação com os circuitos informativos e dos estímulos contínuos das interfaces e das distintas extensões comunicativas”(Di Felice, 2009, p.28).

Em oposição ao avanço tecnológico, apontam às cabeças machistas, que não respeitam as conquistas femininas, como um das grandes dificuldades a ser enfrentada. Um tipo de opressão que é apontada por Taylor como uma das razões que impedem o reconhecimento igualitário: *“Não só o feminismo contemporâneo, mas também as relações raciais e as discussões sobre o multiculturalismo, que se fundamentam na premissa de que a recusa do reconhecimento pode ser uma forma de opressão”* (TAYLOR, 1994,p.57).

O site tem funcionado como uma porta de comunicação das jovens com o mundo. Por intermédio deste espaço expressão vontades, desejos, denúncias e saberes. Ao considerarmos à realidade das jovens mulheres das periferias urbanas, veremos que a maioria vive na invisibilidade, não são vistas pelo Estado, pelas instituições. Um número expressivo de mulheres que, na maior parte das vezes, têm histórias de vida marcadas pela exclusão e pela violência, como poucos espaços de expressão e reconhecimento:

Taylor apresenta dois níveis para o discurso do reconhecimento. Um que é o da esfera da vida privada, em que é constituída a identidade com base na troca e no diálogo com ‘outros – importantes’; e, depois, na esfera pública, lugar de exercício da política de reconhecimento. Em contraponto à política de universalismo que visa à política de direitos e privilégios, a noção moderna de identidade reivindica uma política de diferença. Nela, busca-se o respeito às identidades individuais, sua singularidade (TAYLOR, 1994, p.57-58). Nas duas esferas, a identidade é uma força – motriz que contribui para impulsionar a busca por melhores condições de vida e inserção igualitária.

V- ENCAMINHAMENTOS FINAIS



A historiadora Mary Del Priori afirma “*que nós não construímos, ao longo da história, um espaço público preocupado em criar oportunidades, mas sim um espaço público que foi apropriado pelos grupos de poder.*”¹⁰ Seguindo este raciocínio, a mudança de vida das classes subalternizadas, no sentido de melhorias da situação social ou de exercício da cidadania plena, não tem sido prioridade para as classes dirigentes no país. Relegada ao segundo plano quando se trata da divisão de benefícios, às classes subalternizadas não são dadas condições de exercício pleno da cidadania. Essa situação perversa é mantida graças ao pouco investimento, sobretudo, na educação. Não temos um projeto político para a educação que tenha continuidade entre as mudanças de governo, ponto fundamental para a busca por desenvolvimento equânime nas sociedades democráticas.

As novas tecnologias trouxeram “uma luz no final do túnel”, haja vista seu poder de penetração e mobilização entre públicos diversos. Contudo, para uma efetiva democratização, devem ser feitos avanços no âmbito educacional. Este seria o caminho para minimizar as desigualdades já tão profundamente arraigadas em algumas nações, que comprometem inclusive a sobrevivência humana.

A produção de artefatos midiáticos por parte das integrantes do movimento hip hop está revelando a formação de novos sujeitos em comunicação, o que pode contribuir para o reconhecimento, o respeito e a consolidação do papel de produtoras de conhecimento, concomitante com a consolidação da identidade racial negra. Essencial para o combate às desigualdades, a consciência sobre valor individual e coletivo, sobre pertencimento positivo, que a auto - identificação ajuda a promover.

Os fazeres da política cotidiana se contrapõem à falta de aparecimento revelado em espaços midiáticos tradicionais, onde a população negra ou não aparece (invisibilidade) ou aparece (visibilidade excludente) por meio de estereótipos. Uma produção de conhecimento que está alavancando novas formas de olhar, ver e fazer, podendo culminar com a produção de outros discursos propagados no meio digital, e, no combate ao racismo midiático.

O alinhamento entre as formações identitárias juvenis e a mídia contribuem para a análise do plano empírico do cotidiano e das experiências comunicacionais na produção de outras referências afirmativas para as jovens integrantes das culturas juvenis.

¹⁰ Del Priori, Mary. 500 anos depois. msg– revista de comunicação e cultura n.2 ano 1



De acordo com estudos desenvolvidos na área de culturas juvenis urbanas as manifestações musicais se constituem por força da necessidade de sociabilidade, de comunicação, de afirmação da identidade e de resistência cultural de jovens e adolescentes, predominantemente negros/as, das periferias urbanas. A prática de experiências galgadas na coletividade consubstancia a configuração das suas identidades, marcada pela busca de outras alternativas de pensar o mundo e de atuar dentro dele, evidenciando a resistência nos processos discriminatórios que dificultam a entrada destes jovens no mundo do trabalho e da educação, onde as opções de cultura e de lazer estão fora dos limites periféricos.

Estas alternativas de produção de informação e de conhecimento são revolucionárias e essenciais na conquista da liberdade. Este ideal libertário passa também pelo reconhecimento da diversidade cultural que a existência humana oferece.

O reconhecimento da humanidade e a presença diversificada nos vários âmbitos de poder são referências aprisionadas pelo racismo na sociedade brasileira, que prefere negar a sua existência. Na contramão das forças hegemônicas, grupos minoritários encampam combatê-lo. No caso das jovens mulheres do hip hop, o fazer político agregado às práticas comunicativas com poesia, arte e tecnologia.

VI- BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo, Hucitec, 2004.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. Cadernos Pagu (26), janeiro-junho de 2006. Disponível em: www.scielo.br, acesso em 11/07/2009
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e Cultura). v.1. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- DEL PRIORI, Mary. 500 anos depois. msg - revista de comunicação e cultura. n.2, ano1.
- DI FELICE, Massimo. Network society: da esfera pública para a conectividade. msg - revista de comunicação e cultura. n.2, ano 1.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Porto, Paisagem. S/d.
- GOMES, Nilma. L. Juventude, práticas culturais e identidade negra. Revista Palmares em Ação. Ano I n.2. dez de 2002.
- ROSE, Trícia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip – hop. In. .HERSCHMANN, Micael (Org.). Abalando os anos 90: funk e hip hop, globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p.190-212
- SARTRE, Jean-Paul. Reflexões sobre o racismo. Difusão Européia do Livro. São Paulo, SP, 1965



SILVÉRIO, Valter R. O multiculturalismo e o reconhecimento: mito e metáfora. Revista USP. São Paulo. n.42, p. 44 -55, 1999.

SODRÉ, Muniz. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

SANTOS, Boaventura, S. A reinvenção da emancipação social a partir das Epistemologias do Sul. Disponível em www.irohin.org.br, acesso em 10/07/2009.

TAYLOR, Charles. Multiculturalismo. Examinando a política de reconhecimento. Instituto Piaget. Lisboa, 1994.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível. Trad. Rita de Souza Ávila. Estud. Fem.[on line]. 2006.vol.1. ed. Especial.